



Palavra do mestre

Jornal Capoearte

Ano VII – Julho - 2010

"A Capoeira é alegria, é encanto, é segredo"

Contra mestre De Paula

**Mestre Canjiquinha:
A lenda viva da capoeira**

A capoeira é uma luta totalmente brasileira. Começou aqui com os negros angolanos. Sua primeira denominação foi "vadiagem", depois passou a se chamar "mandinga" e mais tarde ficou conhecida como "Capoeira de Angola".

REPORTAGEM E FOTOS: GERSON PEDRE

No último dia 17 de agosto, nas dependências do conjunto Desportivo Baby Bacione, na promoção da Federação Paulista de Capoeira, aconteceu o Festival Folclórico Mestre Canjiquinha 86. Participaram do evento — que reuniu um público de, aproximadamente, 200 pessoas — 11 acadêmias entre as existentes na Capital e Grande São Paulo.

Nossa reportagem esteve lá e conversou com o principal homenageado, que é uma lenda viva dentro da capoeira nacional, o conhecido e respeitado Mestre Canjiquinha. Seu verdadeiro nome é Washington Bruno da Silva, nascido a 25 de setembro de 1925, na Bahia, onde vive até hoje. Portanto, com 64 anos bem vividos, neto de africana mesclado com português, espalho, bom falante, cabelos brancos, ele se assusteflor, com muito humor, como "varará com olhos de gato" e não escorre o orgulho de suas origens negras.

Contos nos Mestre Canjiquinha que começou a aprender capoeira quando tinha apenas 10 anos de idade, isso há pelos idos de 1935, com o sanfoneiro e já falecido Mestre Raimundo dos Santos, apelidado de "Aberrê".

A CAPOEIRA DE ONTEM E A DE HOJE

Naquela época, contavam ele, capoeira era somente coisa de segredo, não existiam academias. A atividade era proibida e totalmente reprimida pela polícia. A capoeira era feita e aprendida na rua, jogada na rua, na lama e quando a polícia aparecia todo mundo fugia. O confronto direto era evitado.

O troféu "Mestre Canjiquinha" foi instituído em 1982. E anualmente o homenageado desta em sua casa tem sete filhos, seis netos, sua mulher — que também jogava capoeira e com quem já é casado há 33 anos —, sua academia "Acas", no bairro de Ondina, em Salvador, e vem para São Paulo receber e participar da festa que leva seu nome. Ele não esconde sua felicidade em ser festejado enquanto está vivo, pois, no seu entender, homenagens depois da morte não servem para nada.

Indagado sobre os ramos que a capoeira segue nos dias atuais, disse que muita coisa mudou. Hoje ela é praticada na sociedade, nas universidades, enfim, em todos os lugares e isso é muito importante, segundo ele. Mas ressaltou que a mesma também está diferente, pois o que se pratica hoje é mais educação física.

No entender de Mestre Canjiquinha, alguém que queira se iniciar na capoeira tem que ter muita disposição e, pensativamente, em seis meses aprenderá alguma coisa. Só que para ser verdadeiro mestre leva muito tempo, "cinquenta anos" mais ou menos. Afirma, ainda, que para dar uma "moita boa de frente", "moita boa armada" ou "marrelo" são exigidas a necessidade de ser mestre. A capoeira tem as suas maldades, suas manhas, suas mandingas e o mestre tem que saber tudo isso para passar aos seus alunos.

Falando sobre as origens da luta, que para muitos é africana, Canjiquinha foi categorico em afirmar que ela é realmente brasileira e começou aqui com os negros angolanos (libertados); sua primeira denominação foi "Vadiagem", depois passou para "Mandinga" e mais tarde ficou conhecida como "Capoeira de Angola".



Acrescentou o mestre que a capoeira hoje está quase um "Karate", pois dedicam a ela quase duas horas de educação física e esquecem-se do principal. "Hoje tem muita coisa que nada tem a ver com a capoeira, mas isso são coisas da vida..."

CADA TOQUE TEM SUA MANEIRA DE JOGAR

Disse ainda que não mistura as variações, os "toques" e exemplificou alguns, tais como o São Bento Grande, São Bento Pequeno, Ave Maria, Cavalaria, Santa Maria, Angola e Samba de Angola, dentre outros, mas ressaltou que nem todos os mestres os conhecem. "Não quero agravá-los", disse ele, "mas acredito que nem todos se preocuparam em aprender, provavelmente, porque não pensavam em ensinar, mas o certo é que cada toque tem uma maneira de jogar". Mestre Canjiquinha encerrou seu bate-papo conosco, falando um pouco das cartigas que canta, que segundo ele, têm mais de 200 anos e são de autores desconhecidos. Aproveitou ainda para dizer que a capoeira nada tem a ver com o candomblé: "Ela é uma luta, um esporte, que quando alguém se alinha no pé do berimbau", é para dizer uma prece a Deus dentro de sua própria crença. "Esta luta é realmente muito perigosa, mesmo quando se está fazendo apenas uma apresentação."

Mestre Canjiquinha, Washington Bruno da Silva, nasceu em Salvador (BA), na data de 25 / 11 / 1925 e vindo a falecer em 08 / 11 / 1994, filho de D. Amália Maria da Conceição. Aprendeu Capoeira com Antônio Raimundo, conhecido como Mestre Aberrê, iniciando em 1935, na Baixa do Tubo, no Matatu Pequeno. Filho de lavadeira, exerceu as profissões de sapateiro, entregador de marmitta, mecanógrafo. Dentre outras atividades foi também goleiro de futebol do Ypiranga Esporte Clube, além de cantor de boleros nas noites soteropolitanas.

Fundou sua Associação em maio de 1952, com o nome de Associação de Capoeira Canjiquinha e seus amigos, por onde passaram grandes capoeiras, como: Salta Moita, Manoel Pé de Bode, Antonio Diabo,

Foca, Roberto Grande, Roberto Veneno, Roberto Macaco, Burro Inchado, Cristo Seco, Garrafão, Sibe, Alberto, Sapo, Peixinho, Mine-saia, Papagaio, Satubinha, Vitos Careca, Cabeleira, Língua de Teiú, Urso, Bola de Sal, Boemia Tropical, Melhoral, Lucídio, Bico de Bule, Bando, Dodô, Salomé, Mercedes, Palio, Cigana, Urubu de Botina. Os mais conhecidos talvez sejam: Brasília, Paulo Dedinho (Paulo dos Anjos), Madame Geni (Geni Capoeira), Olhando Pra Lua (Lua Rasta).